

Juntivos condicionais restritivos negativos no português brasileiro: descrição e uso

Negative restrictive conditional conjunctions in Brazilian Portuguese: description and use

Amanda de Lira Santos¹
Universidade Federal de São Carlos
São Carlos, São Paulo, Brasil

Douglas Gonçalves de Souza²
Universidade Estadual de Alagoas
Arapiraca, Alagoas, Brasil

Resumo: O presente estudo apresenta uma descrição sincrônica dos usos dos juntivos condicionais complexos *a menos que* e *a não ser que*, aplicada às variedades do português do Brasil, Portugal e Angola, baseada em Visconti (1996). Respalda-se por pressupostos teóricos funcionalistas defendidos em Givón (1990; 1995), Hopper e Traugott (1993) para os conceitos de língua e processos de articulação de cláusulas e de Neves (2011; 2018), Hirata (1999) e Oliveira (2008) acerca das orações condicionais, cotejando-as às suas definições em Gramáticas de referência do português (Rocha Lima, 1999; Mateus *et al.*, 2003; Cunha e Cintra, 2007; Bechara, 2009). Constituem o *corpus* de pesquisa dados de língua escrita do domínio jornalístico do Corpus de Referência do Português Contemporâneo — CRPC, a fim de contemplar formas condicionais canônicas e não-canônicas (como as insubordinadas, cf. Hirata-Vale, 2015) instanciadas por estes conectivos. Metodologicamente, emprega-se o método misto (Lacerda, 2016), que coaduna aspectos quantitativos e qualitativos e, analiticamente, correlacionam-se parâmetros que contemplam o eixo formal e funcional. Os resultados apontam para uma tendência de usos não-prototípicos de condicionais prefaciadas por *a menos que* e *a não ser que*, não previstos nas definições tradicionais de gramáticas do português.

Palavras-chave: Conectivos Complexos; Orações Condicionais; Restrição Negativa; Linguística Funcional.

Abstract: This study presents a synchronic description of the uses of the complex conditional conjunctions *a menos que* and *a não ser que*, applied to the varieties of Portuguese spoken in Brazil, Portugal, and Angola, based on Visconti (1996). It is supported by functionalist theoretical assumptions defended in Givón (1990; 1995), Hopper and Traugott (1993) for the concepts of language and clause articulation processes, and Neves

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Campus São Carlos, São Paulo. Licenciada em Letras – português e francês pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. E-mail: amanda.lira@estudante.ufscar.br. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (Processo 2024/08219-6).

² Professor titular de Latim e de Língua Portuguesa do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Campus Arapiraca, Alagoas. Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá – UEM e Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: douglas.souza@uneal.edu.br.

Os autores agradecem aos pareceristas as sugestões precisas e as contribuições valiosas. Quaisquer equívocos teóricos, metodológicos e/ou analíticos persistentes são de inteira responsabilidade dos autores.

(2011; 2018), Hirata (1999), and Oliveira (2008) regarding conditional clauses, comparing them to their definitions in reference grammars of Portuguese (Rocha Lima, 1999; Mateus et al., 2003; Cunha and Cintra, 2007; Bechara, 2009). The research corpus consists of written language data from the journalistic domain of the Corpus de Referência do Português Contemporâneo — CRPC (Reference Corpus of Contemporary Portuguese), in order to contemplate canonical and non-canonical conditional forms (such as in subordinate ones, cf. Hirata-Vale, 2015) instantiated by these connectives. Methodologically, a mixed method is used (Lacerda, 2016), which combines quantitative and qualitative aspects and, analytically, correlates parameters that cover the formal and functional axes. The results point to a tendency toward non-prototypical uses of conditionals prefixed by *a menos que* and *a não ser que*, not provided for in traditional definitions of Portuguese grammar.

Keywords: Complex Connectives; Conditional Clauses; Negative Restriction; Functional Linguistics.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, no âmbito dos estudos linguísticos, variados são os estudos que têm se dedicado à compreensão do fenômeno da hipotaxe adverbial, de modo geral, e da hipotaxe condicional, mais especificamente. Desde os tradicionais estudos dos filósofos gregos, a condicionalidade tem ocupado lugar significativo nos interesses descritivos dos estudiosos, quer aqueles ligados à tradição lógico-formal, quer aqueles associados às correntes mais atuais dos estudos da linguagem. Conquanto possam divergir sobre o enfoque teórico mais adequado para o tratamento deste tópico, a multiplicidade dessas investigações aponta para a dificuldade de se estabelecer um estatuto fixo e definitivo para a concepção das orações condicionais.

Nas definições atribuídas às condicionais, frequentemente, há perspectivas que as traduzem unicamente pelo encadeamento lógico de duas proposições que estabelecem entre si uma relação de causa e consequência, geralmente realizado pelo conector *se*, conjunção condicional por excelência. Essa definição, herdada de postulados greco-romanos, é reverberada nos compêndios gramaticais do Ocidente e, por influência desta tradição clássica, as gramáticas tradicionais — sobretudo das línguas românicas — reproduzem estes ideais normativos. Não distintamente, uma rápida verificação aos manuais gramaticais normativos de língua portuguesa é capaz de atestar que tal concepção ainda é disseminada nos dias atuais. A partir deste pressuposto, propaga-se uma suposta equivalência sintático-semântica entre as intituladas conjunções subordinativas adverbiais, listadas exaustivamente nas seções destinadas à sintaxe do período composto por subordinação. No caso das condicionais, de modo mais restrito, figuram ao lado do tradicional *se* uma série de conjunções das mais variadas bases morfológicas e semânticas, simples ou complexas, como *caso*, *desde que*, *exceto se*, *salvo se*, *a não ser que*, *a menos que*, *com a condição que*, etc.

Não obstante as questões suscitadas pelas diferenças na construção dessas locuções conjuntivas, este estudo objetiva investigar, sobretudo, a natureza funcional de um grupo específico de conectivos condicionais, a saber, os conectivos condicionais de base complexa restritivos negativos, baseados na proposta de Visconti (1996). Amparados sob os pressupostos funcionalistas defendidos, sobretudo, em Givón (1995), para quem a compreensão da língua deve ser vista por meio da integração dos diversos níveis gramaticais, e não de maneira autônoma, busca-se (re)discutir, através de um olhar voltado ao uso, as motivações pragmático-discursivas que envolvem, dentre outros, os processos de articulação, ordenação e construção sintática, semântica e morfológica das orações hipotáticas condicionais instanciadas por *a não ser que* e *a menos que*.

Para este fim, foram eleitos como objeto de análise as orações condicionais prefaciadas pelos conectores *a menos que* e *a não ser que*, retiradas de textos do domínio jornalístico do Corpus de Referência do Português Contemporâneo, CRPC, provenientes das variedades angolana, europeia e brasileira³. Nesse sentido, o estudo em tela justifica-se pela necessidade de se levar em consideração nuances de sentido e particularidades de uso das construções conectivas, normalmente não considerados pela visão restrita dos manuais gramaticais normativos. Além disso, caracteriza como o fenômeno da hipotaxe condicional, de maneira comparativa, se manifesta em diferentes contextos de uso (do domínio jornalístico) da lusofonia.

Para tanto, este artigo organiza-se, assim, em uma breve discussão, na seção dois, sobre os *Pressupostos teóricos* acerca das conjunções e orações condicionais no português, sob a perspectiva da Gramática Tradicional e da Gramática Funcional, seguida da descrição dos *Pressupostos metodológicos* adotados na coleta, seleção e análise do *corpus* de pesquisa, na seção três; posteriormente, na seção quatro, são discutidos e analisados os resultados encontrados e, por fim, são feitas algumas *Considerações finais* a seu respeito.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, apresentam-se os pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa. Em 2.1, a fim de se contrastar norma e uso, revisitam-se os conceitos de oração condicional e suas respectivas conjunções para alguns dos manuais gramaticais tradicionais (Rocha Lima, 1999; Mateus *et al.*, 2003; Bechara, 2009 e Cunha; Cintra, 2007) para conferir o tratamento oferecido por essas obras ao período composto por subordinação e às conjunções e às orações condicionais. Em 2.2, por sua vez, esses conceitos são discutidos segundo a perspectiva da Linguística Funcional, com foco no

³ O presente estudo foi realizado nos períodos de desenvolvimento de iniciação científica, nos anos de 2021 e 2022, e financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – FAPEAL.

continuum de integração de Hopper e Traugott (1993), na definição de orações e conectivos condicionais de Neves (2011; 2018) e Hirata (1999), e nos estudos de Oliveira (2008) acerca dos conectivos condicionais complexos no português.

2.1 AS CONJUNÇÕES E AS ORAÇÕES CONDICIONAIS, SEGUNDO A GRAMÁTICA TRADICIONAL

Na multiplicidade de línguas em que a condicionalidade é estudada, a caracterização que comumente tem sido proposta para as orações condicionais é aquela em que são unidas duas proposições (p e q) em uma relação em que p constitui a condição para realização e q a consequência/resultado da realização (Comrie, 1986; Dancygier, 1998; Neves, 1999). Para o português, de modo mais particular, as definições para as orações condicionais encontradas nos compêndios gramaticais costumam marcar essa relação de três modos: (i) pelo uso do expediente morfológico formal: a conjunção (Cunha; Cintra, 2007); (ii) pelo seu caráter sintático não-argumental (Mateus *et al.*, 2003); ou ainda (iii) pelo seu aspecto semântico de exprimir uma condição (Rocha Lima, 2011), (Bechara, 2009).

Quanto ao modo de articulação, as gramáticas de língua portuguesa, balizadas pela dicotomia coordenação/subordinação, alocam, no polo correspondente à subordinação, uma variada gama de construções que, a despeito de suas particularidades, são classificadas segundo a função sintática que exercem em relação à oração principal. As orações condicionais, de acordo com essas definições, funcionam sempre como um termo acessório e correspondem a um adjunto adverbial da oração principal (Cf. Cunha; Cintra, 2007, p. 612). Além disso, todas as caracterizações tradicionais, amparadas pela normatização proposta pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), apresentam exemplos e análises para as condicionais a partir de usos que se limitam ao nível do período, descontextualizados de seu uso efetivo, fator que desconsidera suas diversas possibilidades de realização e exclui as ocorrências que não seguem o padrão formal rigoroso proposto pelos cânones.

Algumas das classificações apresentadas para as condicionais, bem como para as referidas conjunções, podem ser vislumbradas no quadro a seguir:

Quadro 1 – Conjunções e orações condicionais nas gramáticas tradicionais

Gramática	Oração condicional	Conjunções condicionais
-----------	--------------------	-------------------------

Rocha Lima (1999)	A oração condicional apresenta a circunstância de que depende a realização do fato contido na principal (p. 346)	Se, caso, contanto que, dado que, desde que, sem que, uma vez que, a menos que (p. 346)
Bechara (2009)	Condicionais: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal (p. 604)	Se, caso, sem que, uma vez que (com o verbo no subjuntivo), desde que (verbo no subjuntivo), dado que, contanto que, com a condição que, etc. (p. 604/854)
Mateus <i>et al.</i> (2003)	As construções condicionais são constituídas por duas orações que mantêm entre si uma relação de dependência semântica. Chama-se oração condicional, condicionante, antecedente ou prótase à oração de cujo conteúdo proposicional depende semanticamente o conteúdo proposicional da outra oração, a condicionada, a conseqüente ou a apódose, também designada, na tradição gramatical, por 'principal'. (p. 705)	Se, caso, se porventura, salvo se, sem que, sem que, uma vez que, a não ser que, desde que, conquanto que, com a condição que (p/ orações no conjuntivo); no caso de (p/ orações infinitivas). (p. 706)
Cunha e Cintra (2007)	Condicionais, se a conjunção é subordinativa condicional (p. 620)	se, caso, contanto que, salvo se, sem que [= se não], dado que, desde que, a menos que, a não ser que, etc.: (p. 601)

Fonte: Elaboração própria

A partir do quadro 1, duas problemáticas emergem e devem ser destacadas para esta discussão: (i) a falta de estabelecimento de um critério fixo para a determinação da (in)dependência das orações condicionais; e (ii) o contrassenso no elenco dos conectivos que iniciam tais construções. Esses dois aspectos são fundamentais porque, de um lado, revelam a inconsistência teórica no que diz respeito ao nível de dependência da oração condicional à oração principal e, de outro lado, desconsideram a variedade de formas de conexão que pode unir esses dois conteúdos proposicionais.

Conforme se observa, para Rocha Lima (1999), Bechara (2009) e Mateus *et al.* (2003), o critério utilizado para mensurar o grau de dependência entre as orações é semântico; para Cunha e Cintra (2007), o que instaura a relação condicional é o critério morfológico. Os autores diferem, ainda, no que concerne à consideração dos conectivos analisados neste estudo: Bechara (2009), não aponta *a menos que* e *a não ser que* na lista de conectivos condicionais. Rocha Lima (1999) menciona apenas *a menos que* e Mateus *et al.* (2003), *a não ser que*. Cunha e Cintra (2007), por seu turno, são os únicos que listam ambos.

Acerca da estrutura das orações condicionais, apenas Cunha e Cintra (2007) não advertem a respeito do emprego de tempos e modos verbais. Nas demais gramáticas consultadas, o que se observa é uma estreita ligação entre a correlação modo-temporal utilizada e a semântica da oração condicional. Por meio dos tempos e modos, as orações condicionais podem: expressar uma hipótese que não se realizou/que não se realizará ou um fato provável (Bechara, 2009, p. 604); ser factuais (ou reais), hipotéticas (ou potenciais) e contrafactuais (ou irrealis) (Mateus *et al.* 2003, p. 706); expressar uma hipótese irrealizável, um fato cuja realização é possível, provável, ou desejável e, ainda, desejo, esperança, pesar (Rocha Lima, 1999, p. 346).

Outro fator digno de menção é o de que, dos gramáticos consultados, apenas Rocha Lima (1999) sinaliza particularidades referentes ao uso de determinados conectivos condicionais. De acordo com o autor,

A conjunção *contanto que* parece transmitir à condição valor mais impositivo:

Emprestar-te-ei o livro, / *contanto que* mo restituas amanhã.

Com a mesma força imperativa, também se usa *sem que*, *a menos que*, *salvo se*:

Não dê conselhos, / *sem que* lhe sejam pedidos.

Não dê conselhos, / *a menos que* lhe sejam pedidos.

Não dê conselhos, / *salvo se* (*exceto se*) lhe forem pedidos.

(Rocha Lima, 1999, p. 347)

Tal observação, ainda que sem maiores detalhamentos, revela o reconhecimento do autor de que há, no emprego dos conectivos, a atuação de fatores não-arbitrários, como a possibilidade de esses conectores marcarem nuances pragmático-emocionais, a exemplo da imposição. Apesar de o autor salientar uma característica dos conectivos que transcendem sua natureza semântica, como o aspecto pragmático destacado, deve-se sinalizar, contudo, que o comentário está restrito ao item lexical, e não ao emprego desse item em consonância ao seu contexto de uso.

Além da incipiente descrição concedida aos conectivos nessas gramáticas consultadas e da menção – embora sutil – de motivações extralinguísticas na sua escolha,

a presença de *a menos que* na exemplificação de Rocha Lima (1999) pode ser um dos indicadores de sua semântica restritiva intrínseca. Ademais, esse conectivo (*e*, possivelmente, seu par *a não ser que*), de acordo com a ressalva do autor, exhibe padrões de funcionamento distintos do *se* condicional global.

Há de se considerar, desse modo, que a simplificação normativa acerca da ideia de sinonímia entre as conjunções condicionais é frágil e confusa, uma vez que há conectivos que podem, mais do que ligar orações, evidenciar posturas epistêmicas de seu interlocutor. Consequentemente, a influência de componentes discursivo-pragmáticos na codificação das estruturas formais é um fator que não deve ser desprezado na análise linguística, dada sua possibilidade de ser um meio para explicar a seleção paradigmática das estruturas no nível sintagmático.

2.2 AS CONJUNÇÕES E AS ORAÇÕES CONDICIONAIS, SEGUNDO A GRAMÁTICA FUNCIONAL

A sistematização encontrada nas gramáticas de língua portuguesa, sobretudo naquelas de cunho mais prescritivo, inclui as construções condicionais, quanto ao modo de articulação, no período composto por subordinação, em que, genericamente, um termo exerce função sintática no outro. Essas orações, por se situarem na esfera da subordinação adverbial, funcionariam como adjuntos adverbiais dependentes sintática e semanticamente de suas orações principais e teriam, como elo sintático prototípico, a conjunção *se*.

Os estudos encontrados na literatura linguística atual, embora assumam a validade dessas generalizações para a apreensão do significado condicional, têm se voltado ao questionamento sobre a homogeneidade e a rigidez dessas acepções. Dessa maneira, este trabalho, com foco especial no funcionamento da linguagem em uso, considera que a tentativa de estabelecer um molde pré-fabricado para as condicionais a partir do modelo geral de sua estruturação sintática (*se p, q*), além de não englobar a amplitude construcional que abrange a condicionalidade, deixa de abrigar construções que não exibem o padrão semântico prototípico da condicionalidade (*condição > consequência*). Esse fato, mais do que soar arbitrário, mitifica uma homogeneidade para essa categoria, que possui, em si mesma, a fluidez e a heterogeneidade como duas de suas principais características.

O paradigma funcionalista, sob o qual se sustenta este trabalho, tem se dedicado exaustivamente ao questionamento dessa díade categorial rígida proposta, essencialmente, pelas correntes do polo formalista. Desde os anos oitenta, teóricos como Halliday (1985), Mathiessen e Thompson (1988), Lehmann (1988), Hopper e Traugott (1993) sinalizam para a necessidade de superar a visão fixa e discreta que separa os polos da coordenação

e subordinação. Desse modo, seria mais adequado tratar o período composto em termos de um *continuum* de integração oracional. Nessa concepção, as orações são dispostas em um *continuum* hierárquico de integração que vai do maior para o menor grau de dependência semântica e de integração sintática. Os polos categoriais desse percurso escalar organizam-se entre a subordinação (dependência e encaixamento), a hipotaxe (dependência, mas não-encaixamento) e a parataxe (não-dependência e não-encaixamento).

A partir desse entendimento, e em oposição às determinações tradicionais antes mencionadas, as orações são redistribuídas em uma escala tripartida, na qual as orações adverbiais, em especial, ao se situarem no eixo intermediário, são concebidas como casos de hipotaxe, em que prevalece a interdependência (dependência, mas não-encaixamento) entre núcleo (oração principal) e margem (oração satélite). Por conseguinte, as orações condicionais conjuntivas passam a ser consideradas no eixo da hipotaxe, e não no eixo da subordinação.

A respeito das orações condicionais em língua portuguesa mais estritamente, um repertório extenso de autores apresenta diversificadas tentativas de caracterização deste subtipo oracional (Gryner, 1990; Lopes, 1993; Hirata, 1999; Neves, 1999; Roxo 2006; Ferreira, 2007). Essas propostas, assim como outro sem-número de estudos funcionalistas, tecem importantes considerações acerca da estrutura interna e do funcionamento das condicionais, ao apontarem para usos não-canônicos da construção com *se*. Entretanto, nota-se a pouca atenção oferecida aos outros conjuntivos condicionais, simples ou complexos.

Assim, Oliveira (2008) aponta que muito pouco se conhece sobre a natureza e o funcionamento desses conectivos. Embora se considere a assunção geral de que a estrutura prototípica iniciada por *se* seja a base a partir da qual outros modos de exprimir a condicionalidade são construídos, faz-se necessário investigar se e de que modo os outros expedientes linguísticos podem se aproximar ou se distanciar de seu modelo canônico.

De acordo com as considerações de Oliveira (2008) sobre as conjunções condicionais complexas em português, de Visconti (1996) sobre as conjunções complexas em inglês e em italiano e de Souza (2021) sobre as construções condicionais conjuntivas em latim, pode-se observar que o período hipotético apresenta diversificada arquitetura construcional. Particularmente, acerca dos expedientes complexos formais que introduzem a oração condicional, Visconti (1996) divide-os de forma tripartite, em *locuções hipotéticas*, *restritivas positivas* e *restritivas negativas*. Os conectivos *a menos que* e *a não ser que*, por se enquadrarem na esfera dos restritivos negativos, instauram uma relação em que “a proposição contida na oração condicional é apresentada como a única condição para que

a proposição contida na oração núcleo não ocorra. Essas conjunções podem ser lidas por ‘não *p* é a situação específica na qual *q*’” (Oliveira, 2008, p. 7-8).

Em face das afirmações anteriormente expostas, pode-se verificar que, do ponto de vista semântico e formal, as conjunções complexas de restrição negativa diferenciam-se do *se* prototípico, seja por sua própria configuração composicional, seja por seu caráter semântico restritivo. Ademais, morfossintaticamente, essas diferenças são ainda mais evidentes, como pode ser observado no exemplo abaixo:

(1a) *Seja lá o que for, ele o fará, a menos que eu impeça.* (Neves, 2011, p. 831)

(1b) **Seja lá o que for, ele o fará, se eu impeça.*

No caso da paráfrase em 1b, o que se atesta é a impossibilidade de intercambiar livremente as conjunções condicionais, uma vez que a escolha por um ou por outro conectivo pode restringir a configuração modo-temporal dos enunciados, o que resulta, em muitos dos casos, em sentenças agramaticais. Por entender que essa escolha não se dá de forma aleatória, uma das premissas básicas de uma gramática funcional é a de que, numa visão da língua em uso, concebe-se a interação verbal como uma atividade estruturada e cooperativa e, em razão disso, na formação dos enunciados complexos facilmente se entreveem determinações das relações interacionais (Neves, 2011, p. 13).

Dessa maneira, norteado pelo princípio da competência comunicativa (Martinet, 1994), assume-se, neste estudo, que a sintaxe de uma língua não deve ser entendida como um sistema autônomo, mas sim como um conjunto integrado entre morfologia, semântica e sintaxe, governados pela pragmática (Givón, 1995). Na linha desses entendimentos, portanto, as hipóteses que norteiam este trabalho apontam para dois direcionamentos principais: o primeiro, pautado no princípio de não-sinonímia (Goldberg, 1995), postula que se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser também distintas semântica ou pragmaticamente e indica que, embora haja semelhanças na forma dos conectivos complexos *a menos que* e *a não ser que*, deve haver divergências semânticas ou pragmáticas em seus usos; e o segundo sinaliza para o fato de que, pela própria natureza morfológica e pelo estágio menos avançado de gramaticalização – e, por isso, com menos desbotamento semântico – os conectivos *a menos que* e *a não ser que* devem exibir padrões de funcionamento mais restritos se comparados ao *se* condicional.

3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, são delineados os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, o recorte realizado, o *corpus* do qual foram retirados os dados e os parâmetros de análise segundo os quais os dados foram sistematizados. Considera-se, nesta pesquisa,

o olhar do pesquisador de modo distanciado de seu objeto de investigação, isto é, o pesquisador propõe sua interpretação acerca do fenômeno investigado a partir da própria natureza dos exemplos de uso e da tabulação dos parâmetros de análise. Pondera-se, ainda, que os parâmetros analíticos são examinados para além de uma relação estrita de causa e consequência, visto que aspectos contextuais específicos podem se sobrepor a aspectos mais gerais.

3.1 DO OBJETO DE ESTUDO E DO *CORPUS* DE PESQUISA

Este estudo focaliza as orações hipotáticas condicionais prefaciadas pelos conectivos restritivos negativos, particularmente pelos conectivos complexos de base preposicional (Neves, 2011) *a menos que* e *a não ser que*. Fazem parte dos dados descartados ocorrências que não manifestam sentido condicional e orações condicionais com verbos elípticos, conforme se demonstra abaixo

(noCOD_1000115) O Ministério da Agricultura compartilhava desse receio e em 1981 anunciou um plano para manter a população de poedeiras daquele país em cento e dezessete milhões de unidades, cinco milhões *a menos que* o total da época. (uso quantitativo)

(E_B_91_Je_003) Força lhes será sujeitarem-se ao arbitrio inqualificável dos julgadores *a menos que* confiantes na força de seus direitos, não queiram chamar o jaizo, os que se arrogam um poder ilegal e inaceitável, contra o qual protestam energicamente os sentimentos de justiça. (verbo elíptico)

Quanto ao *corpus* de onde os dados foram extraídos, foram reunidas as construções condicionais das variedades da língua portuguesa de Portugal (PE), Brasil (PB) e Angola (PA). Para a composição da amostra, foram coletados dados reais de uso, especificamente da modalidade escrita, extraídos do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC)⁴, desenvolvido pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). O CRPC é composto por mais de 300 milhões de palavras de todas as variedades do português, nas modalidades escrita e oral, distribuídas nos mais diversos gêneros e registros. Nesta pesquisa, em razão das discrepâncias quantitativas dos dados disponíveis para cada variedade, selecionaram-se as ocorrências dos textos agrupados sob o rótulo ‘jornal’, a fim de se preservar a natureza equitativa da seleção.

⁴ <http://gamma.clul.ul.pt/CQPweb/crpc/>

Os textos-base dos quais foram retiradas as orações condicionais pertencem ao domínio jornalístico e, embora careçam de descrição pontual acerca dos gêneros que o integram, pode-se assumir que se trata de uma esfera marcada pela grande hibridez de gêneros e tipologias textuais. Em face das limitações do *corpus* e das diferenças entre os gêneros textuais, considera-se que, ainda que apresentem particularidades em suas composições e propósitos, os gêneros da esfera jornalística compilados no CRPC parecem compartilhar características semelhantes.

Por meio da seleção de pesquisa restrita (*restricted query*), os conectivos foram pesquisados no campo de busca através da etiqueta (*part-of-speech*), que realiza a procura pela classe de palavra pretendida ([*a menos que_CJ**] e [*a não ser que_CJ**]), e foram selecionados, ainda, os filtros “jornal” e os países que correspondiam às variedades pretendidas: Portugal, Brasil e Angola. A ordem de coleta estabelecida foi crescente – do país com menor quantidade de palavras para aquele com maior número –, assim representada: Brasil<Angola<Portugal.

No domínio jornalístico, a busca pelos referidos conectivos resultou nas seguintes quantidades:

Tabela 1 — Conectivos nas variedades do português

Conectivo	Variedade		
	PB	PA	PE
A menos que	12	60	566
A não ser que	11	55	692
Total	23	115	1258

Fonte: Elaboração própria

Da quantidade de ocorrências encontradas para cada conectivo, embora se observe uma relativa similaridade em cada variedade, deve-se destacar a considerável diferença na quantidade total de dados disponíveis para cada país. Essa diferença se deve, sobretudo, à discrepância proporcional de palavras presentes em cada variedade para o gênero jornalístico:

Tabela 2 — Número de palavras por gênero e por variedade ⁵

Gênero	Variedade		
	Brasil	Angola	Portugal
Jornal	1 080 631	10 213 543	98 579 946

⁵ Dados retirados do manual de descrição do CRPC, disponível em: http://gamma.clul.ul.pt/CQPweb/doc/CRPC_Description_3.pdf

Fonte: Elaboração própria

A partir da quantidade de ocorrências resultantes, foram estabelecidas proporções por meio da quantidade de textos para cada conectivo, da variedade com menor quantidade de palavras (PB), com o intuito de equilibrar as análises.

A distribuição das ocorrências por variedade pode ser vislumbrada no quadro abaixo

Tabela 3 — Distribuição das orações complexas e subordinadas

Conectivo	Frequência de ocorrência		
	PB	PA	PE
A menos que	8	16	22
A não ser que	9	14	21
Insubordinadas	1	8	11
Total	18	38	54

Fonte: Elaboração própria

O resultado dessa proporção resultou no total de 110 dados descritos, dos quais 90 apresentaram-se plenamente desenvolvidos (isto é, com oração núcleo), e as 20 ocorrências restantes foram analisadas à parte, considerando-as como ocorrências subordinadas (Hirata-Vale, 2015).

3.2 DOS PARÂMETROS DE ANÁLISE

Com o intuito de observar a natureza de funcionamento das prótases condicionais instanciadas por *a menos que* e *a não ser que* e suas orações nucleares, estas construções foram analisadas a partir de quatro parâmetros, com variáveis específicas, em distintos níveis gramaticais: (i) no nível morfológico, a correlação modo-temporal entre a prótase e a apódose; (ii) no nível sintático, a ordem da oração condicional (anteposta, posposta ou intercalada) e o modo de articulação da oração condicional à apódose (interoracional; entre períodos; entre parágrafos; subordinada); (iv) no nível pragmático, as funções pragmáticas das condicionais (tópica, ressalva, adendo, reorientação temática).

Através da conjugação desses componentes, intentou-se obter uma descrição detalhada do funcionamento das construções condicionais a partir do uso efetivo em que os falantes as enunciam. São apresentados e discutidos abaixo os dados analisados durante o percurso desta pesquisa, correlacionando-os aos aspectos teóricos dos parâmetros selecionados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, descrevem-se e exploram-se os dados encontrados apontando os aspectos particulares das construções condicionais inseridas em seus contextos interacionais, a fim de verificar os resultados dos testes das hipóteses formuladas no decorrer do trabalho. Em 4.1, enfocam-se as diferentes correlações modo-temporais licenciadas pelos conectores analisados, bem como suas possíveis implicações semânticas. Em 4.2, abordam-se os aspectos sintáticos destas construções relacionados à ordem e vinculação, ligados diretamente ao componente pragmático. Em 4.3, por sua vez, discute-se a respeito das funções pragmáticas veiculadas nestes constructos, correlacionadas a fatores textuais e discursivos implicados em sua codificação formal.

4.1 CORRELAÇÃO MODO-TEMPORAL

Nos dados analisados, a correlação temporal mais frequente é aquela que conjuga presente do subjuntivo na prótase e presente ou futuro do indicativo na apódose, como se ilustra no quadro abaixo:

Tabela 4 — Correlações modo-temporais com *a menos que* e *a não ser que*

correlação	pb	pa	pe	total
c⁶: presente do subjuntivo p: presente do indicativo	6	22	26	54
c: presente do subjuntivo p: presente do subjuntivo	1	0	1	2
c: presente do subjuntivo p: futuro do presente do indicativo	7	5	8	20
c: presente do subjuntivo p: infinitivo	1	0	0	1
c: presente do indicativo p: presente do indicativo	0	0	1	1
c: pretérito imperfeito do subjuntivo p: pretérito perfeito do indicativo	1	1	3	5
c: pretérito imperfeito do subjuntivo p: presente do indicativo	1	1	1	3

⁶ Para as siglas C e P, leia-se: Condicional e Principal; para PB, português brasileiro; para PA, português angolano e, para PE, português europeu.

c: pretérito imperfeito do subjuntivo	0	0	1	1
p: pretérito imperfeito do subjuntivo				
c: pretérito imperfeito do indicativo	0	0	1	1
p: pretérito imperfeito do subjuntivo				
c: pretérito imperfeito do indicativo	0	1	0	1
p: pretérito imperfeito do indicativo				
c: pretérito imperfeito do indicativo	0	0	1	1
p: presente do subjuntivo				90

Fonte: Elaboração própria

São exemplos das correlações mencionadas os seguintes:

(PA04) Se tudo ficar como dantes, pode ser o descrédito total. *A não ser que haja solidariedade, é muita « máfia » junta para ficar impune.*

(PA05) A ciência *pode ajudar* a adiar esta data, mas ela surgirá inapelavelmente, *a menos que se consiga* reduzir a taxa de natalidade. Paul Ehrlich é biólogo na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, e escreveu em 1968 um livro que provocou uma considerável polémica.

Das 11 combinações modo-temporais encontradas, 6 são combinações que ocorreram de modo isolado, especialmente no português de Portugal:

(PB07) Estes recursos permaneceram por quase três anos em torno de US \$ 1 bilhão, o que demonstra a viabilidade da idéia; além disso o fato desses títulos serem negociáveis, garante sua liquidez, no caso do fundo *ter* problemas (*a não ser que* o problema *envolva* todos os FAFs, como agora).

(PE27) Há apenas uma semana no Tirsense, Samuel ainda não *tem* uma ideia clara do grupo de trabalho, *a não ser que* " os jogadores *são* espectaculares ", mas do treinador já sabe que " ele é um homem trabalhador, cumpridor, apesar de ser a primeira vez que vou ser orientado pelo José Romão".

(PE09) A uniformidade e também a tranquilidade são a regra.

Mas talvez, numa iniciativa que se pretende de renovação, nem *pudesse ser* de outra forma.

A menos que se seguisse a fórmula que vai ser inaugurada em Portugal com a próxima Bienal de Óbidos: a da exclusão de todo o tipo de concurso, a favor da realização de uma exposição unicamente por convite.

(PE20) "Ele não *estava* confortável *a não ser que houvesse* um passo, um truque, e Balanchine, que tinha uma linguagem fluída, acompanhou-o pacientemente, dando-lhe elementos extraordinários.

(PA17) Dei -me conta de que não *sabia*, simplesmente, algumas coisas de Mumia, *a não ser que já o conhecia*.

(PE17) E *seria* traumatizante para a pessoa em causa perguntar ao grupo como interpreta aquele silêncio!

A não ser que, na hipótese de as reuniões se sucederem, o silêncio *se torne* sistemático.

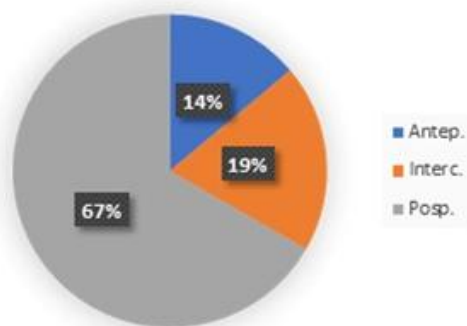
De acordo com a tabela acima, são mais frequentes as combinações que apresentam referência futura, como *presente do subjuntivo-presente do indicativo; presente do subjuntivo-futuro do presente do indicativo; presente do subjuntivo-presente do subjuntivo e presente do subjuntivo-infinitivo*. Esse traço, frequente em condicionais canônicas prefaciadas pelo conectivo *se*, deve-se sobretudo ao caráter não-assertivo das construções condicionais, que diz respeito à capacidade da construção de projetar, no futuro, um conteúdo provável ou possível (Dancygier, 1998). Mencione-se que, contrariamente à proposição de Oliveira (2008), a análise a outras variedades do português permitiu encontrar orações condicionais prefaciadas pelos conectivos condicionais complexos com tempos e modos no indicativo, e não somente com o subjuntivo (exemplos PE27, PA17, PE17), como apontado pela autora para o português do Brasil.

4.2 ORDEM E VINCULAÇÃO

De uma perspectiva lógica, Comrie (1986) defende que a anteposição constitui a ordem não-marcada para as condicionais, uma vez que, usualmente, enuncia-se a

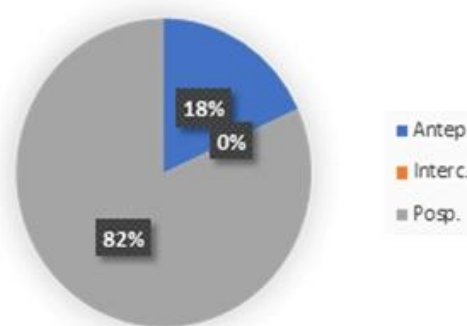
ocorrência de um estado de coisas como assentamento de uma condição, que pode ou não ser satisfeita. Na oração principal, então, enuncia-se um estado de coisas como factual/contrafactual/eventual, em dependência do preenchimento daquela condição. O *corpus* constituído pelos conectivos *a menos que* e *a não ser que*, no entanto, revelou uma preferência pela posposição da oração condicional nas três variedades analisadas:

Figura 1 — Ordem com *A menos que*



Fonte: Elaboração própria

Figura 2 — Ordem com *A não ser que*



Fonte: Elaboração própria

Conforme os gráficos 1 e 2, para ambos os conectivos, a posição preferencial é a que pospõe a prótase condicional à oração núcleo (totalizando 78% das ocorrências), seguida pela anteposição, exemplificadas abaixo:

(PA01) A humanidade vem ao homem através da educação: este é um animal educável e, por isso, « não *pode tornar-se* homem *a não ser que* se eduque ».

(PB03) Para a maioria dos assalariados de empresas que seguem a política salarial tampouco há dúvidas de que houve perdas.

A menos que o trabalhador *tenha* data-base em agosto, a perda medida pelo IPC-r em relação à média de novembro / 93 a fevereiro / 94 *será* de 10,6 % até agosto.

A ordem intercalada, em menor número neste *corpus*, ocorre apenas com o conectivo *a menos que*, como se ilustra com o exemplo abaixo da variedade angolana:

(PA05) « Como no Congo Brazzaville, *corre-se* verdadeiramente perigo de, *a menos que sejam instalados* métodos claros e efectivos de localização de receitas, o governo angolano abandonar qualquer reforma para a transparência, assim que receba luz verde para novos financiamentos do Fmi ».

Este resultado, diferente das generalizações encontradas em Neves (1999) e Haiman (1978) sobre a preferência pela anteposição das condicionais e, semelhante ao que encontrou Oliveira (2008) para o português do Brasil, revela que a posposição das orações condicionais com conectivos restritivos negativos pode ser um fator chave na diferenciação destes face do *se* prototípico.

Aceito o pressuposto funcionalista de que a ordem pode se circunscrever em um domínio discursivo-pragmático (Givón, 1990), ao se tomar exemplos como em PA01, o que se observa é que o uso da condicional posposta restringe o conteúdo da oração nuclear, funcionando como um adendo que o relativiza. Já no exemplo PB03, a condicional anteposta funciona como um tópico de retomada, uma vez que retoma o tópico acerca dos trabalhadores assalariados, presentes no contexto anterior.

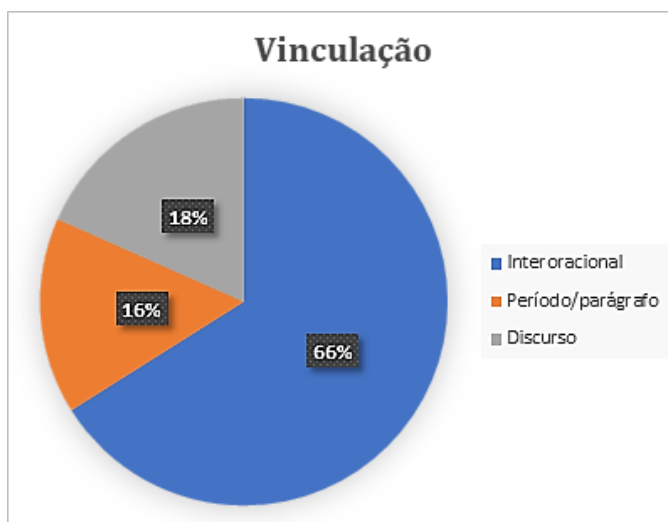
Sobre as condicionais intercaladas, mais estritamente, mesmo que possam como as pospostas restringir o conteúdo ou algum componente da oração núcleo, de acordo com Ford e Thompson (1986), o que deve ser destacado é a falta de ocorrências de condicionais nesta posição com o conectivo *a não ser que*. Esse resultado, ainda que parta de uma amostra pequena, pode indicar que há, entre os conectivos analisados, alguma particularidade no que toca à variável ordem.

Genericamente, como discutido acerca da combinação de orações, as condicionais têm sido descritas nas gramáticas tradicionais a partir da função sintática que exercem em sua oração principal. De um viés funcionalista, Mathiessen e Thompson (1988) já haviam proposto um olhar discursivo sobre o processo articulação de cláusulas complexas, levando, por conseguinte, outros autores a pensarem sobre esse fenômeno (Lehmann, 1988; Hopper; Traugott, 1993).

Para o português do Brasil, de modo particular, deve-se destacar o trabalho de Decat (1993), que propõe, sob uma ótica discursivo-funcional, uma revisão às dicotomias tradicionais de coordenação e subordinação, sobretudo no que diz respeito à hipotaxe adverbial. Rodrigues *et al.* (2017) discutem a respeito dos processos sintáticos de combinação de cláusulas, de modo a reforçar a necessidade de abandono de visões simplistas sobre este complexo campo teórico.

O gráfico que representa os graus de vinculação das orações desta pesquisa pode ser conferido a seguir:

Figura 3 — Graus de vinculação das orações condicionais com *a menos que* e *a não ser que*



Fonte: Elaboração própria

Consoante o gráfico acima, as orações deste *corpus* apresentam-se em sua maioria no molde prototípico que une uma oração núcleo à sua hipotática, de modo interoracional (PA01); seguida por aquelas em que a condicional não apresenta oração núcleo realizada (concebidas como insubordinadas ou subordinadas discursivas) (PA07) e, por fim, com aquelas em que a prótase se liga à oração de período ou parágrafo imediatamente anterior (PE02).

(PA01) A humanidade vem ao homem através da educação: este é um animal educável e, por isso, « não *pode tornar-se* homem *a não ser que se eduque* ».

(PA07) Que prestígio, que autoridade, que honra podem emprestar um nome como o do William Tonet ao AMC? Onde tinham os seus membros a cabeça quando votaram nesta personalidade?

A menos que, na realidade, *pretendessem* com a criação do AMC viver um simples momento de agitação e propaganda, susceptível de atrair as atenções para as suas pessoas.

(PE02) Raul Hestnes Ferreira, Manuel Tainha, Alves Costa e Gonçalo Byrne são alguns dos nomes de prestígio firmado nesta área que estão ligados ao curso e cujo trabalho em conjunto " *poderá criar* uma espécie de síntese, com especificidade própria ", das escolas do Porto e de Lisboa.

A menos que os problemas financeiros *intervenham* decisivamente. O Senado universitário está neste momento a apreciar uma proposta que visa a transformação do curso em departamento o que lhe vai garantir autonomia financeira.

A quantidade percentual de ocorrências classificadas como insubordinadas/discursivas no *corpus*, bem como a inexistência de trabalhos que investigassem esse subtipo com os conectivos condicionais restritivos negativos, provoca a necessidade de observar, ainda que brevemente, o funcionamento destas orações. As orações insubordinadas são definidas por Hirata-Vale (2015, p. 3), apoiada em Evans (2007), como construções que, embora apresentem uma marca qualquer de subordinação, são usadas independentemente, sem que estejam conectadas a uma oração principal. Em sua descrição de construções insubordinadas no português do Brasil e de Portugal, a autora propõe um *continuum* para essas construções a partir da reunião de suas características formais e funcionais, no qual situam-se, no eixo esquerdo, as construções espontâneas, seguidas pelas construções condicionais construcionais, no polo intermediário, e pelas construções formulaicas, no polo direito.

Em sua investigação, Hirata-Vale (2015) encontra usos de construções condicionais insubordinadas de forma e função mais flexíveis, com maior dependência ao contexto discursivo imediato, como as espontâneas, até casos de orações com padrões estruturais e pragmáticos mais fixos, como as construcionais e formulaicas. Em virtude de suas características, o padrão das orações que apresentavam características de insubordinação/subordinação discursiva se assemelha à definição das CCIs espontâneas, porque “estão relacionadas com o raciocínio do falante, com o próprio processo de conceitualização, que se baseia e está ancorado na situação do discurso” (Hirata-Vale, 2015, p. 44).

Casos como (PA07) se adequam à classificação de CCIs (construções condicionais insubordinadas) espontâneas porque (i) não são integradas do ponto de vista sintático, ou seja, fazem referência à situação discursiva; (ii) expressam uma asserção do falante a respeito do comentário precedente; (iii) não apresentam nenhum traço de convencionalização e (iv) realizam-se no pretérito imperfeito ou no presente do subjuntivo. Nesse uso, a oração apresenta verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo e se enquadra nos demais critérios propostos para construções condicionais insubordinadas, haja vista que: não se vincula a uma oração núcleo, e sim ao discurso anterior; expressa um comentário avaliativo do falante a respeito de sua própria asserção anterior (“Onde tinham os seus membros a cabeça quando votaram nesta personalidade?”) e não apresenta nenhum traço formal fixo.

4. 3 FUNÇÕES PRAGMÁTICAS

Além da já discutida relação entre o domínio pragmático e os parâmetros sintáticos, como a ordem, tem-se apontado a utilização de construções condicionais como estratégias de preservação da face, como a polidez, a fim de possibilitar/atenuar a realização de atos de fala diretivos (Oliveira, 2004).

Somado a essas estratégias, Neves (2011) aponta que certas construções hipotéticas eventuais, pospostas ou intercaladas, podem servir como um adendo, uma ressalva do conteúdo expresso na apódose. É o que se verifica abaixo:

(PE08) Actualmente, as sanções (cuja violação é punida com pesadas multas e penas que podem chegar a dez anos de prisão) *proíbem* a exportação directa ou indirecta de bens, tecnologias e serviços (*a menos que haja* uma autorização especial), a importação de bens e serviços, e todo o comércio na área do petróleo.

No exemplo PE08, a condicional parentética intercalada apresenta uma ressalva à proibição da importação direta ou indireta de bens, tecnologias e serviços.

Tais construções também podem funcionar pragmaticamente como tópicos de retomada, nas quais o falante usa a condicional normalmente anteposta para retomar uma porção de texto anterior:

(PB06) Desgosto Apesar de toda a boa vontade do mundo, na última semana, fui obrigada a deixar o teatro Cultura Artística no final do primeiro ato de "O Médico e o Monstro".

Eu explico: *a não ser que você seja* uma criança recém-saída da fase oral, é impossível suportar o mau gosto das piadinhas contidas na comédia dirigida por Marco Nanini e estrelada por Ney Latorraca.

No exemplo PB06, a condicional é utilizada para explicar o motivo de a pessoa ter sido obrigada a deixar o teatro, presente no contexto do parágrafo anterior.

Outra função discutida por Oliveira (2008) e encontrada nos dados deste estudo é a função de correção, que, segundo a autora, traz uma informação adicional a respeito de um ato já enunciado ou de um ato enunciado parcialmente, no caso das construções parentéticas.

(PA11) Está bom, deixo isto para outro dia. Pois, como dizia, só quando aterramos é que demos conta que aquilo era uma base

militar e não um aeroporto para voos normais de passageiros.
A não ser que os voos para o Nzaji sejam anormais.

No caso acima, a condicional apresenta uma informação adicional a respeito da asserção anterior, na qual se fala de “um aeroporto para voos *normais* de passageiros”, retificando-a, por meio da condicional, admitindo que o fato de aterrissarem em uma base militar poderia caracterizar os voos para Nzaji como *anormais*.

Uma característica importante dessas orações é que, em sua maioria, podem vir separadas por sinais gráficos de pausa, como vírgula, travessão, parêntese, ponto, ou mesmo podem pertencer a períodos ou parágrafos diferentes, conforme já discutido. Como se observa, essas construções, embora estejam sistematizadas na modalidade escrita, apresentam-se em contextos dialógicos, marcados pelas pausas e pelo contorno prosódico particular. Nesses contextos, o falante tem maior liberdade de arquitetar suas informações sem restrições sintáticas, semânticas ou pragmáticas, o que possibilita o não-preenchimento da posição da oração nuclear.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das caracterizações empreendidas, foi possível descrever o funcionamento dos conectivos restritivos negativos *a menos que* e *a não ser que* sob uma perspectiva holística de seus usos. A adoção teoria Funcional permitiu atingir os objetivos propostos, à medida que, por meio dos parâmetros formais e funcionais das orações condicionais realizadas com conectivos restritivos negativos, pôde-se delinear um mapeamento dessas construções nas variedades do português brasileiro, angolano e europeu.

De maneira geral, os resultados desta pesquisa confirmaram parcialmente as hipóteses formuladas, uma vez que evidenciaram que os conectivos não apresentaram diferenças semânticas ou pragmáticas em seus usos. Por outro lado, sintaticamente, um fator que merece atenção é a falta de ocorrências na posição intercalada com o conectivo *a não ser que*. Embora não seja possível, em virtude do recorte realizado e das limitações do *corpus* de pesquisa, fazer generalizações expressivas, este é um aspecto que poderá ser mais bem explorado em pesquisas futuras, com o fito de investigar se essa é uma tendência no português e quais fatores subjazem esta configuração formal.

De modo a contrariar a postulação de uma suposta equivalência sintático-semântica entre as distintas construções oracionais conectivas condicionais, propaladas pela Gramática Tradicional, o estudo demonstrou (i) que, do ponto de vista semântico, os conectivos restritivos negativos *a não ser que* e *a menos que* — caracterizados por possuírem elementos negativos em sua composição — não apresentaram particularidades

de significado plenamente notáveis; e (ii) que, do ponto de vista sintático, o conectivo *a menos que* parece integrar construções de maior mobilidade no nível do período e (iii) que, do ponto de vista pragmático, essas construções apresentam em sua maioria funções metadiscursivas, com caráter retrospectivo, como adendo, retomada e correção.

Acredita-se que as análises aqui realizadas puderam contribuir, de modo global, para suprir a escassez de trabalhos existentes sobre os conectivos condicionais complexos, especialmente os de semântica restritiva negativa. Ainda, de modo mais específico, pretendeu-se colaborar, em alguma medida, para a ampliação das pesquisas que abordam processos não-canônicos de integração oracional, contemplando a atuação de vieses discursivo-funcionais presentes na codificação formal das orações condicionais.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2009.
- COMRIE, B. Conditionals: a typology. In: TRAUGOTT, E. C. et al. (Eds.) *On Conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 77-99.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon. Editora Digital, 2007.
- DANCYGIER, B. *Conditionals and predication*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- DECAT, M. B. N. "*Leite com manga, morre!*" *Da hipotaxe adverbial no português em uso*. São Paulo, 1993. 287p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica.
- EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (Ed.). *Finiteness. Theoretical and Empirical Foundations*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366- 431.
- FERREIRA, M. B. *Cláusulas condicionais: uma abordagem funcional-discursiva*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2007. 154 p., *mimeo*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.
- FORD, C. E., THOMPSON, S. A. Conditionals in discourse: a text-based study. In: TRAUGOTT, E. C. et al. (Eds.) *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 353-372.
- GIVÓN, T. *Syntax. a functional-Typological Introduction*. v. II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins. 1995.
- GOLDBERG, A. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- HAIMAN, J. Conditionals are topics. *Language*, n. 54, 1978, p. 564-589.

- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward, Arnold Publishers, 1985.
- HIRATA, F. B. M. *A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista. (Unesp), 1999.
- HIRATA-VALE, F. B. M. *O processo de insubordinação nas construções condicionais do português do Brasil*. Relatório Científico de Estágio Pós-Doutoral. Katholiek Universiteit Leuven, Leuven, Bélgica, 2015.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J., THOMPSON, S. A. (Eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, p. 181-225, 1988.
- Lopes, A.C.M. & Santos, P. A condicionalidade das frases genéricas. *Cadernos de Semântica*, 17. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1993
- Mateus, M.H.M. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003
- ROCHA LIMA, C.H. *Gramática Normativa da língua Portuguesa*. 49.ed., Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2011.
- RODRIGUES et. al. *Articulação de orações: pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.
- MATHIESSEN, C., THOMPSON, S. A. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, J., THOMPSON, S. A. (Eds.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 275-329.
- MARTINET, A. What is functional linguistics? *Alfa*, São Paulo, v. 38, p. 11-18, 1994.
- NEVES, M. H. de M. As construções condicionais. In: NEVES, M. H. M. (Org.) *Gramática do português falado*. Novos Estudos. v. VII. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1999.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. 2 ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.
- OLIVEIRA, T. P. de. *As conjunções e orações condicionais no português do Brasil*. Tese de Doutorado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2008.
- ROXO, Maria do Rosário. *Aspectos cognitivos das construções condicionais em audiências públicas*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- OLIVEIRA, T. P. Polidez e linguagem: perspectivas. *SIGNÓTICA*, v. 16, n. 2, p. 271-288, jul./dez. 2004.
- SOUZA, D. G. *Si me consulis: um estudo funcionalista da hipotaxe adverbial condicional nas Catilinárias de Cícero*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2021.

SWEETSER, E. E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. (Cambridge Studies in Linguistics, 54). Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VISCONTI, J. *On English and Italian complex conditional connectives: matching features and implicatures in defining semanto-pragmatic equivalence*. *Language Sciences*, v. 18, n.2, 1996, p. 549-573.

Recebido em: 28/10/2025

Aprovado em: 10/12/2025

Publicado em: 08/01/2026